



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
instalação e reunião do Conselho Superior de Cinema**

Palácio do Planalto, 11 de fevereiro de 2004

Eu não vou tomar o tempo de vocês fazendo discurso. Até porque eu acho que seria um pouco repetitivo o que já disse o companheiro Gilberto Gil e o companheiro José Dirceu e que outros, certamente, dirão, na I Reunião do Conselho.

Eu só quero lembrar vocês que, quando o Gilberto Gil foi indicado para ser ministro da Cultura, possivelmente tenha pairado dúvidas na cabeça de muitos se um músico poderia ser o ministro da Cultura porque, em muitas reuniões que participei, durante tantas campanhas que fiz, havia sempre um corporativismo exagerado quando se discutia cultura, dependendo de qual corporação tivesse maioria na reunião.

E o companheiro Gilberto Gil – eu posso dizer isso, hoje, muito à vontade, depois de 13 meses como Ministro – tem dado uma demonstração, acredito, que todas as pessoas esperam de uma pessoa que está à frente de uma atividade, sobretudo uma atividade importante, delicada, como a questão da cultura.

Vocês sabem que a cultura sempre foi uma espécie de “menina dos olhos” de todos que disputavam campanhas eleitorais; mas, na hora de se discutir verba, ela passa a ser um peso, porque as pessoas não vêem na cultura uma forma de se ganhar dinheiro. Muitas vezes, se vê na cultura apenas uma forma de gastar dinheiro. Como se investir em cultura fosse gasto, e não investimento.

E o Gil tem trabalhado com um carinho, na minha opinião, de forma excepcional. Nós temos consciência de que ainda não fizemos tudo o que queremos fazer, mas já demos passos importantes, que se tivessem sido



dados há 10 anos, nós hoje estaríamos muito mais avançados do que estamos hoje.

Mas a gente também não pode se queixar muito porque, no Brasil, as coisas sempre acontecem assim. Nós sempre somos os últimos a dar os passos que todo mundo sabe que tem que dar mas, não sei porque, não damos esses passos.

Mas nós tomamos algumas medidas. Eu disse ao companheiro Gilberto Gil: “Olha, Gil, você vai entrar no Ministério, vai montar a sua equipe e nós temos que fazer a coisa funcionar, até porque é preciso dar uma chance à cultura, neste país”. Se a gente vai conseguir concretizar os nossos sonhos, eu não sei, mas, a verdade é que nós podemos fazer mais do que já foi feito, no nosso Brasil, pela questão da cultura.

E quero confessar a vocês que, depois de um ano à frente do Ministério, o Gilberto Gil já deu demonstração de que é plenamente possível fazer infinitamente mais do que já foi feito, no nosso país.

Eu vou dar alguns exemplos para vocês: numa articulação política bem feita, entre o Governo Federal e o Congresso, nós conseguimos elevar o teto de renúncia fiscal em projetos culturais de 160 milhões para 401 milhões de reais. Possivelmente ainda não seja o número ideal que vocês sonham mas, de qualquer forma, é um número auspicioso, se a gente lembrar o que eram os números anteriores.

Na verdade, nós trabalhamos, e muitos de vocês têm muito a ver com isso, nós dobramos o espaço para filmes nacionais na sala de exibição, que agora passam a ter, no mínimo, 63 dias de programação com cinema brasileiro, por ano. Parece pouco, mas, se a gente for olhar o que a gente tinha, nós demos um passo extraordinário. E essa não foi uma conquista menor.

Nós apresentamos – e alguns de vocês estavam presentes – em outubro do ano passado, o Programa Brasileiro de Cinema e Audiovisual, vinculando a



Ancine ao Ministério da Cultura. Não pensem que essas coisas acontecem com facilidade, não, porque tem sempre visões diferentes. Havia companheiros que entendiam que a Ancine deveria ficar como estava, outros achavam que ela tinha que ser vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. E nós entendemos que o lugar dela era exatamente junto à Cultura. Acho que foi uma coisa importante e vai dar frutos excepcionais.

Uma coisa que sei que vocês sabem, mas, possivelmente, a imprensa não saiba – e é importante que a imprensa ajude as pessoas a compreender o que está acontecendo no cinema nacional neste exato momento: acho que poucas vezes na História do Brasil o cinema e o audiovisual viveram um momento como este que estão vivendo agora, com grandes possibilidades de melhorar, eu diria, e muito.

Só para vocês terem uma idéia, entre as vinte maiores bilheterias de 2003, oito são de filmes produzidos aqui, que receberam mais de 22 milhões de expectadores. Esse é um fato realmente extraordinário, porque prova duas coisas: não apenas que estamos evoluindo, melhorando o conteúdo e a qualidade das coisas que fazemos, mas também estamos conseguindo quebrar um tabu de que brasileiro não gosta de coisas do Brasil. Na hora em que somos capazes de fazer uma coisa boa, ele prova: “Eu gosto”, e vai à luta, vai ao cinema, mesmo que as salas de cinema estejam muito concentradas nos grandes centros. Nas pequenas cidades tem poucos, na periferia, nenhuma. Mas isso está demonstrando que quando o cinema tem qualidade o povo vai à luta e vai ao cinema. Ou seja, o que está provado é que o mesmo povo que gosta de carnaval, o mesmo povo que gosta de futebol é um povo que, se o cinema tiver qualidade, ele gosta e não mede esforço para ir.

Em 2003, o nosso mercado, incluindo filmes norte-americanos e de outras nacionalidades, cresceu 11% em relação a 2002. Mas, agora, tem um dado fantástico aqui: a procura por filmes brasileiros, nesse mesmo período,



cresceu muito mais: cerca de 180%. Saltamos de 8% dos ingressos vendidos em 2002 para 21,5% em 2003.

A conclusão é evidente: todo povo gosta de ser protagonista de suas próprias histórias. O sucesso do cinema nacional confirma isso e deixa claro que, tendo condições, nossos cineastas produzem com qualidade e o público aplaude com muita satisfação.

Portanto, acho que nós descobrimos o que vocês já sabiam: temos competência, temos qualidade, temos jeito de fazer. O que estava carecendo, neste país, era de uma oportunidade para a indústria nacional do cinema e do audiovisual. Acho que a nossa obrigação é criar as oportunidades, para que vocês possam provar que não somos inferiores a ninguém quando se trata de audiovisual e quando se trata de cinema, além de outras coisas.

Meus parabéns ao companheiro Gilberto Gil. Meus parabéns aos companheiros e companheiras que vão tomar conta desse Conselho. E, para sorte minha, eu, agora, vou ter de quem cobrar, para não ser mais cobrado como, normalmente, se cobra, no Brasil.

Boa sorte.

/mcpro/lrj